

A DESPERSONALIZAÇÃO DIABÓLICA DO HOMEM: UMA LEITURA DA OBRA *MOBY DICK*, DE HERMAN MELVILLE

THE DIABOLIC DEPERSONALIZATION OF MAN: A READING OF THE WORK *MOBY DICK* HERMAN MELVILLE

Francisco Romário De Queiroz
Francisco Edson Gonçalves Leite
Gilmar Siqueira

Resumo: É sabido que alguns termos têm, a princípio, caráter geral, mas devido a seu emprego, passam a ser terminologizados, isto é, ganham um sentido particular, assumindo até o peso de nome próprio. Como exemplo disso, pode-se mencionar o caso dos vocábulos Diabo e Satanás, termos que, originalmente, eram empregados com valor adjetivo e que, hoje, são utilizados como nomes próprios do ser maléfico na religião cristã. Partindo dos pressupostos etimológicos e contextuais dos termos diabólos e satã, objetiva-se, neste trabalho, propor uma leitura da obra *Moby Dick*, do escritor estadunidense Herman Melville, que considera o personagem principal (capitão Ahab) como personificação do demônio (ou um diábolos, segundo a raiz grega desse termo). Com vistas a apresentar uma investigação das raízes históricas e etimológicas dos termos acima referidos, buscar-se-á embasamento teórico em textos cristãos e apócrifos, bem como nos escritos dos seguintes autores: Castellani (1997), Gelásio (2013), Inocêncio (2013), Magno (2013), Marías (1950 e 1997), Menéndez-Pelayo (1908), Milton (2008) Moraldi (1998), Santos (2013), Senior (2008) e Pieper (1989). Dada a possibilidade de o próprio homem se configurar num arquétipo de adversário, as análises mostram que esse tipo de homem, que odeia o que o cerca e que não tem outro fim senão a destruição, está representado no romance *Moby Dick* na caracterização do personagem Ahab. Diante disso, conclui-se que o Capitão Ahab é o modelo de uma despersonalização diabólica, em que o homem assume as características de um ser que é adverso a tudo, até a si mesmo.

Palavras-Chave: Despersonalização. Adversário. Etimologia. Diabo.

Abstract: It is known that some terms have, at first, a general character, but due to their use, they become terminological, that is, they gain a particular meaning, even assuming the weight of a proper name. As an example of this, we can mention the case of the words Devil and Satan, terms that, originally, were used with adjective value and that, today, are used as proper names of the evil being in the Christian religion. Based on the etymological and contextual assumptions of the terms diabolos and satan, the objective of this paper is to propose a reading of the work *Moby Dick*, by the American writer Herman Melville, that considers the main character (captain Ahab) as a personification of the devil (or a diabolos), according to the Greek root of that term). In order to present an investigation of the historical and etymological roots of the aforementioned terms, a theoretical basis will be sought in Christian and apocryphal texts, as well as in the writings of the following authors: Castellani (1997), Gelásio (2013), Inocêncio (2013), Magno (2013), Marías (1950 and 1997), Menéndez-Pelayo (1908), Milton (2008) Moraldi (1998), Santos (2013), Senior (2008) and Pieper (1989). Given the possibility that the man himself is configured in an archetype of opponent, the analyzes show that this type of man, who hates his surroundings and has no other end than destruction, is represented in the novel *Moby Dick* in the

characterization of the character Ahab . Therefore, it is concluded that Captain Ahab is the model of a diabolical depersonalization, in which man assumes the characteristics of a being that is adverse to everything, even himself.

Keywords: Depersonalization. Adversary. Etymology. Devil.

INTRODUÇÃO

Este artigo tratará de uma possível leitura da obra *Moby Dick*, do escritor estadunidense Herman Melville, que relata a caçada de um cachalote de cor branca por parte de um grupo de baleeiros. Partindo dos pressupostos etimológicos e contextuais dos termos “diabolôs” e “satã”, o presente trabalho propõe uma leitura em que o personagem principal (capitão Ahab) do romance supracitado assume a personificação do demônio. Aliás, ele mesmo se torna um *diábolos* segundo a raiz grega desse termo. Sendo assim, o capitão representaria o ser que, nutrindo um ódio por si mesmo e por tudo que o cerca, opta por atacar e destruir o que, na sua visão, seria a representação do bem. Entretanto, dentro da realidade do romance, o cachalote assume o papel de um ponto referencial do bem.

Desse modo, em um primeiro momento dissertar-se-á sobre os conceitos e significados dos termos “diabolôs” (grego) e “satã” (hebraico). Sabe-se que tais palavras ganharam, na religião cristã, o peso de nomes próprios do personagem bíblico denominado demônio que se opõe ao Deus cristão.

Em um segundo momento, através de pesquisas nos próprios escritos do Antigo e do Novo Testamento, mostrar-se-á que esses termos também eram, algumas vezes, atribuídos a homens, quando esses, desviando-se de uma vida virtuosa, se dirigiam a uma vida estagnada no erro e na maldade.

Finalmente, no último tópico, será explorado como essa ideia da perversidade humana se manifesta no romance *Moby Dick*, em que ocorre uma despersonalização diabólica por parte do homem, transparecendo no personagem do capitão Ahab.

1 A RAIZ ETIMOLÓGICA DAS PALAVRAS DIABO E SATANÁS

Durante a vida diária é comum se ouvir certos termos que, com o passar do tempo passam a ser usados como nomes próprios, por exemplo, quando se associa um certo apelido a determinada pessoa. Com o passar do tempo, esse mesmo apelido como que ganhará um grau

de nome próprio, passando a designar essa pessoa. É interessante notar que, a própria pessoa, se deixa designar por esse termo. Ora, ela própria já o considera como uma espécie de "segundo nome" ou termo a ser designada e nomeada. Acontece, portanto, que, um termo que possua um sentido geral pode passar a designar um sujeito específico. Pense no termo "baixinho". Uma determinada pessoa passa a chamar seu companheiro João, de forma amigável, pelo nome de baixinho, pelo fato de João ter baixa estatura. Esse termo passa a ser usado por um grupo de pessoas, até que se torna o "nome" pelo qual João será designado daí por diante. Claro que seu nome próprio continuará sendo João e que, também, outras pessoas o chamarão assim. Porém, é inegável que a palavra "baixinho", junto àqueles que a utilizam, ganhará um peso similar ao nome próprio João. Dito de outra forma, esse termo, a partir de então, passa a ter um significado diferente para ambos os grupos de pessoas.

Um outro fator que vale a pena ressaltar nestas primeiras linhas, é o fato de que, quando se traduz uma palavra de um idioma para outro, ela perde um pouco do sentido que tem em seu idioma original. Numa palavra traduzida do latim, por exemplo, sempre se observa que o tradutor traz: "sua raiz vem do latim que significa...". Isso acontece porque, para se conhecer o verdadeiro sentido de uma palavra, deve-se, antes, buscar seu sentido no idioma original. A título de exemplo, considere-se a palavra *Ágape*. Como diz Brouard (2007, p. 7) "O *ágape* é um amor desinteressado, generoso, cheio de atenções e solicitude." Esse seria seu sentido na língua latina. Contudo, ao ser traduzido para o português, ele ganha, por vezes, o sentido de amor pleno ou de amor caridade. Porém, o que seria esse amor caridade? Algumas vezes, ganha o sentido de um amor sem medidas, pleno, sendo a própria personificação de Deus. Outras vezes, ligam-no a gestos altruístas para com o outro. Porém, não é a intenção deste trabalho destrinchar essas implicações ou dissertar sobre o significado dessas palavras. O que se pretende com tudo isso é mostrar que a tradução de uma palavra de uma língua para outra implica, em certo grau, a perda de uma parte de seu sentido.

Ao mesmo tempo, usa-se, às vezes um termo oriundo de um outro termo ou idioma, e isso sem o saber. Um bom exemplo disso é a palavra Cristo. Esse termo ganhou o sentido de nome próprio em Jesus. Porém, tal termo designa, na verdade a característica fundamental de Jesus, que é ser o ungido pelo Deus Bíblico *cristão*, escolhido para cumprir uma promessa de salvação. Ora, na bíblia, o termo é usado quando se fala dos profetas, dos reis, ou de alguma outra pessoa encarregada por Deus para uma missão importante. Isso acontece porque o termo

cristo é uma tradução grega do termo hebraico *Messias*, que significa literalmente, *ungido*. Ora, se uma dada pessoa é ungida com óleo, de acordo com o sentido hebraico da palavra, isto é, com sua raiz original, não está certo dizer que essa pessoa se encontra ungida e, por isso, é *khristós*, conforme sua origem grega? Portanto, algumas palavras, sendo traduzidas para outras línguas, como que perdem parte de seus sentidos originais e algumas passam, inclusive, a serem usadas como nome próprio.

Dentro do cristianismo, esse fenômeno acontece com as palavras “Diabo” e “Satanás” que designam comumente a entidade do mal. Analisando esses termos a partir de suas fontes etimológicas, ou seja, de seu sentido original de acordo com sua língua de origem, nota-se que tais termos não designam uma pessoa ou um ser específico, mas uma característica do ser. Para tanto, far-se-á uma busca nas fontes bíblicas, de onde se originou o caráter de nome próprio desses termos, identificando que, mesmo lá, essa ideia não está presente em todos os textos. A isso tudo se soma a importância de estar atento ao contexto em que tais palavras foram escritas, como bem aponta Castro (2013, p. 139):

A análise do contexto é sempre muito importante. Caso perguntamos alguém qual é o significado de uma palavra, geralmente obtemos como resposta, que isto dependerá do contexto. Como exemplo, tomemos o dicionário. Nele encontramos uma grande variedade de palavras associadas a diversos contextos, visto que é, muitas vezes, impossível oferecer o significado de uma palavra sem a sua devida contextualização.

Antes de mais nada, é preciso dizer que as palavras “diabo” e “satanás” não são, a princípio, nomes próprios. Elas denotam uma característica peculiar do ser ao qual chamam de demônio. Para se entender isso é necessário buscar a origem, ou seja, a raiz etimológica das citadas palavras.

A palavra “diabo” tem sua raiz no grego *diábolos*. Em sua origem, significa aquele que causa desunião, isto é, traz a ideia de opositor. Dessa forma, a palavra *diábolos* atribui características a um ser. Dito de outra forma, não é, necessariamente, um nome próprio, assim como João, Marta, Maria etc. Quanto ao termo “satanás”, este tem sua origem no hebraico “satã”, que caracteriza um alguém que arma ciladas. Esses nomes entrarão, então, para a tradição do cristianismo como referência à pessoa de um ser espiritual (também chamado popularmente de anjo) que, sendo criado pelo Deus bíblico, rebelou-se contra este (Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993 p. 111). Dito de outra forma, esses termos

entraram para a tradição cristã de forma que passaram a designar "uma pessoa, Satanás, o Maligno, o anjo que se opõe a Deus. O nome “diabo”, do grego *diábolos*, que significa ‘caluniador’, ‘provocador de discórdia’, indica aquele que se atravessa no desígnio de Deus [...]” (MANZOTTI, 2017, p. 26).

Sendo assim, é importante deixar claro, desde o início, que esses termos ganharam o sentido de nome próprio, mas que, em sua origem, não o são. Essa razão pode-se dar pelo fato de os escritos da religião cristã (notadamente a Bíblia) não mencionarem qualquer nome próprio desse citado “Ser Angélico” que se rebelou contra seu Criador. Os textos sempre usam termos assim para se referir a esse ser. Em algumas traduções, aparecem o termo em sua origem grega ou hebraica; em outras, usam-no já traduzido.

2 O USO DOS TERMOS NOS ESCRITOS CRISTÃOS.

Os textos da Bíblia revelam que no início da redação dos primeiros escritos, os termos já citados não carregavam o peso de nome próprio, mas somente de designação. Denotavam uma característica própria da pessoa à qual se referiam. Com o passar do tempo, nota-se que o pensamento dos autores passa por um processo de evolução e de aplicação mais precisa de suas ideias e terminologias. Sendo assim, aos poucos é que essas palavras ganharam o sentido de nome próprio. Portanto, torna-se relevante citar alguns desses textos, examiná-los e, ao mesmo tempo, citar as notas dos próprios tradutores e intérpretes desses mesmos textos. Desse modo, serão abordados agora alguns trechos bíblicos nos quais os termos “satã” e “diábolos” são utilizados para denotar características do ser humano em questão ao qual se referem.

No livro de *Zacarias*, capítulo 3, versículos 1-2, lê-se que:

Depois, o Senhor me fez ver Josué, o sumo sacerdote, de pé diante do anjo do Senhor: à sua direita postava-se o Satã para acusá-lo. O anjo do Senhor disse ao Satã: 'Que o Senhor te reduza ao silêncio. Ele que escolheu Jerusalém. Quanto àquele homem, acaso não é ele um tição arrancado do fogo?'¹

Embora o termo “Satã” venha precedido do artigo “O” e escrito com inicial maiúscula, nesse texto ainda não se tem a manifestação ou designação de um ser pessoal, isso é, um ser

¹As versões dos textos bíblicos utilizados neste artigo são da *Tradução Ecumênica da Bíblia (BÍBLIA TEB)*

específico. Sendo mais preciso, a ideia que está expressa nessa citação é de alguém que se levanta com o intuito de acusar Josué. No presente texto o termo carrega o peso de adjetivo, isto é, está atribuindo uma característica a esse ser. É interessante o comentário que os tradutores fizeram a essa citação: "Isto é, o *acusador*. No presente texto este ser não é ainda assimilado ao espírito do Mal, o demônio. A revelação de um ser pessoal, totalmente perverso, inimigo de Deus e do homem, operou-se progressivamente no AT [...]" (BÍBLIA TEB, 1994, p. 979).

Note que a tradução empregada pelos teólogos é o *acusador*. A ideia expressa é de alguém que se opõe ao caminho de alguma pessoa. No caso do presente texto, esse ser se opõe à pessoa de Josué, personagem do Antigo Testamento que, segundo os textos bíblicos, teria substituído Moisés na liderança de conduzir o povo hebreu do deserto para a terra de Canaã. Esse “acusador” que se apresenta na corte divina será reconhecido pela teologia cristã como a personificação e até como nome próprio do Demônio, ou seja, seria o ser em si mesmo, isto é, a pessoa mesma do Demônio.

Contudo, como se viu acima, o termo em si não é nem um nome próprio, nem em sua raiz estaria diretamente, isto é, por natureza, ligado à pessoa desse ser. De fato, como diz Santos (2013, p. 34), “[...] para poder apresentar uma análise convincente de conceitos [...] é preciso, antes de qualquer outra atividade conceitual-filosófica, encontrar e aplicar a concepção correta do significado, estabelecer a sintaxe e a semântica da linguagem.” Portanto, como acima já se deixou claro, é preciso buscar o real sentido dos termos. Não se pode pegar o texto pelo texto, sem levar em conta seu contexto de escrita. Portanto, no texto bíblico acima citado, embora a palavra se encontre em um contexto em que o personagem aparece num ambiente celestial, há, em outro texto do Livro dos Números (16, 1-3), um termo que traz a ideia de perseguição e também de revolta. Contudo, desta vez, associa-se a uma pessoa humana:

Qôrah, filho de Lishear, filho de Qehat, filho de Levi, arrastou Datan e Ambirâm, filhos de Eliab e On, filho de Pélet, descendentes de Rúben. Levantaram-se contra Moisés, juntamente com duzentos e cinquenta filhos de Israel, tratava-se de responsáveis da comunidade, delegados da reunião, pessoas de renome. Revoltam-se contra Moisés e Aarão [...]

O texto citado encontra-se no contexto em que o povo de Israel está nos arredores de Canaã, fazendo as primeiras tentativas de conquista. Os personagens descritos questionam a autoridade de Moisés e Aarão. Argumentam que estes se elevavam acima do resto do povo de

Israel. Note-se que a revolta desses personagens é descrita com o mesmo sentido da atitude que o ser descrito no livro de *Zacarias*, isso é, "levantaram-se contra Moisés". Eles levantam-se com a intenção de acusá-los. Embora não apareça claramente os termos “satã” ou diábolos”, a ideia expressa, ou seja, a atitude de levantar-se contra um sujeito ou de o acusar provém da mesma raiz, possuindo o mesmo significado semântico.

Assim, tanto o personagem celeste que é apresentado no livro de *Zacarias* como o personagem humano do livro de *Números* se caracteriza por realizar o mesmo ato: acusar. Caracterizam-se como alguém que atravessa o caminho de um outro, dito de outra forma, uma pedra de tropeço. Neste contexto não se trata de ambientes celestiais ou místicos, mas de um ambiente naturalmente humano. O conflito se dá por razões estritamente políticas.

No *primeiro Livro de Samuel* (29, 1-4), a palavra adversário é dirigida a Davi, um personagem bíblico que se tornou famoso por derrotar os filisteus, tornando-se o rei de Israel, em substituição ao até então rei, Saul, que por desobedecer ao Deus bíblico do Antigo Testamento, teria recebido a notificação do profeta Samuel de que seria substituído por um outro.

O texto se insere em um contexto em que Davi estava morando nas terras dos filisteus. Como era perseguido por Saul, pediu a um dos chefes dos filisteus para morar em suas terras (Cf. 1 SM 27, 1-12). Vendo Davi junto ao seu exército, os chefes filisteus preocupam-se com o fato de que ele os trairia e os entregaria nas mãos de Saul:

Os filisteus reuniram todas as suas tropas em Afeq. Os israelitas acamparam perto da fonte que existe em Jezreel. Os príncipes dos filisteus desfilavam à frente das centenas e dos milhares. David e seus homens desfilavam por último, com Akish. Os chefes dos filisteus disseram: "Que fazem aqui esses hebreus?" Akish respondeu aos chefes dos filisteus: "É David, o servo de Saul, rei de Israel! Há um ano ou dois que está comigo e nada encontrei nele que possa reprová-lo, desde que chegou até hoje". Os chefes dos filisteus se irritaram contra Akish e lhe disseram: "Manda que esse homem volte para o lugar que lhe destinaste. Que ele não desça conosco para o combate, que não o tenhamos como **adversário** contra o combate (grifo nosso).

Note-se que o termo utilizado, isto é, “adversário”, é a tradução da palavra hebraica “satã”, a mesma usada para designação do demônio. No texto citado, ela é dirigida ao personagem Davi, o qual, segundo a tradição judaica e escritos bíblicos, tornou-se um dos maiores reis de Israel que sucedeu a Saul. Ainda, segundo o cristianismo, ele seria a representação alegórica do poder régio de Jesus Cristo. Sem uma análise profunda dos termos

e significados linguísticos, seria um tanto intrigante que Davi seja designado pelo mesmo termo que o Demônio. É por isso que, na análise de um texto é preciso estar atento para seu contexto, analisar as entrelinhas e seus possíveis sentidos. Como diz Costa (2013, p. 88-89):

Cabe ao analista, portanto, tomar uma direção que o leve para uma interpretação imaginável e cabível, tendo em vista que analisar o discurso é investigar que compreensões possíveis podem ser feitas, tendo em vista que a linguagem é opaca e o sentido escorregadio, por isso a noção de efeitos de sentido.

Há ainda outro texto que é interessante citar, pois, mais uma vez, o termo adversário é aplicado a uma pessoa humana. Trata-se do personagem chamado Hadad que, segundo conta o narrador, teria sido mandado pelo próprio Deus bíblico para ser um combatente contra Salomão, filho de Davi que o sucedeu no trono. A razão disso teria sido por Salomão ter desobedecido os preceitos sagrados e, por isso, incorreu em pecado (Cf. 1Rs, 11, 1-13). Os tradutores anotam no rodapé que a palavra “satã” ainda não possuía ali conteúdo teológico. Eis o texto: "O Senhor suscitou um adversário para Salomão: Hadad, o edmoita, da linhagem real de Edom." (1Rs 11, 14). Por razões como essas é que Pêcheux (1997) se preocupa com a questão do sentido do texto. Como já diz Costa (2013, p. 90) "[...] é notória a preocupação de Pêcheux (1997) em trazer à tona a questão do sentido. O que entra em jogo é justamente o que advém dos fatores ideológicos, sociais e históricos para instituir o(s) sentido(s) possível (is). [...] essa postura declara que o sentido é movediço, transitório, escorregadio."

Diante disso, é oportuno citar a nota dos tradutores do *Novo Testamento* (2015) das edições Paulinas, referente ao versículo 3 do capítulo 4 do *Evangelho segundo Mateus*, na ocasião da tentação de Jesus no deserto:

Nessa passagem, a mesma personagem aparece com três nomes: Diabo, Tentador e Satanás (outros nomes em MT 12, 24; 13, 19). Diabo (gr. diábolos) e Satanás (hebr. satán) têm significado semelhante: "opositor", "acusador", "adversário". No Antigo Testamento, são usados principalmente para homens (1Sm 29,4; 1 Rs 11,25; Sl 109,6; 1Mc 1,36), mas também para o âmbito celestial (Jó 1-2). No Novo Testamento, servem para personificar todo agente que induz o homem a assumir atitudes de superioridade e domínio; portanto, referem-se ao poder e à ideologia do poder.

Os termos designam a ideia de alguém que se coloca no caminho do outro como pedra de tropeço. Assim, em sua raiz, não se referem apenas a um ser específico, seus sentidos seriam

de ordem geral. Porém, com o passar do tempo, ganharam o sentido de nome próprio para se referir ao Demônio, como já tanto se falou aqui. Essa ideia também está presente em Agostinho (2014, p. 45), para quem os que ambicionam (segundo a terminologia agostiniana) as realidades efêmeras seriam inimigos – o que muito se assemelha com adversário – daqueles que buscam as realidades eternas:

Estes, [os homens que ambicionam as realidades efêmeras] mesmos que procurem desconhecer, tolerar, viver em certa concórdia, em frequentes conversas, sem discussões, juntos nos banquetes, casas e cidades, no entanto, por divergência de propósitos, são inimigos dos que se convertem para Deus. Uns amam, ambicionam este mundo: os outros anseiam por se libertar dele. Quem não vê que os primeiros são inimigos dos segundos?

Diante disso, chega-se à conclusão de que os termos *diábolos* e “satã” são também usados para se referir à pessoa humana, como alguém que se torna um adversário em relação ao outro. Desse modo, o homem também se tornaria um *diábolos*, de acordo com a raiz etimológica da palavra, ideia que será desenvolvida mais à frente.

3 QUE O HOMEM PODE SE TORNAR UM *DIÁBOLOS*, ISTO É, UM ADVERSÁRIO.

Todas essas considerações que foram apresentaram acima levam a uma importante implicação. Levando-se em conta a ideia de conversão, concebida como uma mudança não restrita à substância, mas ao estado, pode-se afirmar a possibilidade de o homem se transfigurar, isto é, se converter em um *diábolos*, tal qual é expresso no sentido primário dessa palavra.

Essa afirmação não implica que o homem se torne um ser tal qual aquele que o cristianismo reconhece como um anjo decaído, mas que isso se daria por meio prático de vida, ou seja, não envolvendo aspectos substanciais, mas aspectos morais. Quando uma dada pessoa sai de uma vida de crime para uma vida de justiça, diz-se que ela se converteu. Note que isso não envolve mudança de substância ou essência. Sendo assim, levando-se em conta o sentido primário das palavras “satã” e “diabo” que, de uma maneira geral, significam tentador ou adversário, o homem, ou seja, a pessoa humana pode ser denominada com tais termos, uma vez que se faça as ações que as palavras, se tomadas por verbos, indicam, isto é, tentar conflitar.

A teologia católica entende de igual forma no que se refere ao próprio ser por ela denominado demônio, isto é, que ao ter cometido um ato que não condiz com a justiça –

denominado pela teologia de pecado – teria mudado somente seu estado, ou seja, caído do estado de justiça e incorrido em estado de injustiça, o que se chama queda, e nunca sua substância. O papa Leão Magno, numa carta dogmática, de 13 de junho de 449 diz: "[...] Daí <se segue> também que o diabo seria bom se permanecesse no <estado em> que foi feito. Mas, porque usou mal sua excelência natural e "não permaneceu na verdade" [*Jo 8,44*], não passou para uma substância contrária, mas desligou-se do sumo bem ao qual devia aderir [...] (DENZINGUER, 2013, p. 107). Desse modo, essa "queda", assim como é denominada, consistiria em um ato livre da vontade de uma criatura por seguir um determinado caminho ou ideal de vida, o que também é expresso na mesma carta:

[...] assim como os mesmos que afirmam tais coisas caem da verdade na falsidade e acusam a natureza naquilo em que por própria vontade cometem falta e são condenados por causa de sua voluntária perversidade. De qualquer modo, o mal estará neles, e o mal mesmo não será a substância, mas o castigo para a substância. (DENZINGUER, 2013, p. 107)

O próprio Leão Magno chega a afirmar, como se lê no fim do escrito, que a pessoa humana pode se converter e, de um estado de bondade, mudar-se para um estado de perversidade, sem, contudo, mudar sua essência. Por essa razão, caberia também ao homem os títulos de “satã” e “diabo”. Essa tese está, inclusive presente, mesmo nos escritos apócrifos². No *Evangelho do Pseudo Mateus* (in EVANGELHOS APÓCRIFOS, 1999, p. 147) lê-se:

Depois do retorno de Jesus do Egito, enquanto estava na Galiléia, já no princípio do quarto ano de idade, num dia de sábado, brincava ele com outros meninos perto do leito do Jordão. Jesus, tendo-se sentado, fez sete pequenos lagos de barro e ligou a cada um dos pequenos canais, por meio dos quais, a uma ordem sua, a água ia da torrente ao lago e voltava para a torrente. Um daqueles meninos, filho do Diabo, com ânimo invejoso, fechou as bocas dos canais que levavam água para os pequenos lagos e desarranjou o que Jesus tinha feito. Então Jesus lhe disse: "Ai de ti, filho de morte, filho de Satanás. Ousas destruir o que eu fiz?" [...].

² Os escritos denominados apócrifos são livros que não foram aceitos no Cânon Bíblico pelos cristãos. Nas palavras de Luigi Moraldi (1999, p. 11) "O termo 'apócrifo' designava antigamente os livros que eram destinados a um círculo particular de leitores, aos iniciados em alguma corrente de pensamento, mais ou menos como os *livros sublinos e o jus pontificum* (direito dos pontífices)" entre os romanos. Posteriormente os cristãos o usaram para designar escritos suspeitos de heresia e não de acordo com o ensinamento oficial e, por isso, em geral pouco recomendáveis, melhor, que deviam ser excluídos não só da leitura litúrgica, mas também das mãos dos fiéis." Os livros apócrifos foram condenados como sendo impróprios ao uso dos cristãos dos primeiros séculos na carta *consulenti tibi* do papa Inocêncio I e também no *Decretum Gelasianum* do papa Gelásio I (in DENZINGUER, 2013, p 80 e 128).

A perversidade é, portanto, uma possibilidade da vida humana. Por perversidade se entenda quando o homem se coloca como “satã” ou “diabo” no caminho dos outros e, mais ainda, no próprio caminho; e isto é assim porque, ao abraçar essa possibilidade humana, a pessoa não tenta destruir apenas os outros, mas a si própria também. Julián Marías coloca o erro e a maldade como fatores de despersonalização:

Outra grave forma de despersonalização é o erro a que se adere definitivamente, sem admitir razões, como entrega da pessoa a algo que não é ela: uma forma radical de *alienação*, distinta da psíquica no sentido habitual do termo. E há a possibilidade extrema: a entrega à *maldade*, possibilidade estritamente humana, que não tem o animal, e que se poderia entender como uma ‘possessão consentida’ – a única que permite a forçosa liberdade do homem. –.³ (MARÍAS, 1997, p. 19, grifos do autor).

O erro e a maldade são complementares: muitas vezes, a aderência cega ao erro tem por consequência a adesão posterior à maldade, a fim de que o próprio erro seja levado às últimas consequências. É o que se verá no próximo tópico deste artigo, quando será analisada a conduta do capitão Ahab, personagem do romance *Moby Dick*, e sua obsessão sombria pelo cachalote branco.

4 A DESPERSONALIZAÇÃO DIABÓLICA DO CAPITÃO AHAB

A literatura, como arte que é, tem a capacidade de representar – por meio de uma forma estética – as mais diversas possibilidades imaginativas. O artista vê a realidade, mas a vê de um modo diferente: sua visão demanda dele uma resposta, uma comunicação. Isso ocorre porque:

[...] os olhos do artista em algo se distinguirão dos do homem comum, e sua distinção consiste em ver, como entre sombras e figuras, o mesmo que o filósofo alcança por procedimentos discursivos, isto é, a medula das coisas, e o mais essencial e recôndito delas. De onde procede que os grandes personagens criados pela arte (que ao seu modo é criação; e perdoem Zola e seus seguidores) têm uma vida mais palpitante e densa que a maior parte dos seres pálidos e borrados que vemos pelo mundo.⁴ (MENÉNDEZ-PELAYO, 1908, p. 369).

³ Tradução livre de: “Otra grave forma de despersonalización es el *error* a que se adhiere definitivamente, sin admitir razones, como entrega de la persona a algo que no es ella: una forma radical de *enajenación*, distinta de la psíquica en el sentido habitual del término. Y hay la posibilidad extrema: la entrega a la *maldad*, posibilidad estrictamente humana, que no tiene el animal, y que se podría entender como una «posesión consentida» – la única que permite la forzosa libertad del hombre –.”

⁴ Tradução livre de: “[...] los ojos del artista en algo han de distinguirse de los del hombre vulgar, y su distinción consiste en ver, como entre sombras y figuras, lo mismo que el filósofo alcanza por procedimientos discursivos, es decir, la médula de las cosas, y lo más esencial y recôndito de ellas. De donde procede que los grandes personajes

A vida dos personagens literários parece ser mais palpitante e densa porque, dentro da narrativa literária, ela é mais concentrada: tudo o que o autor narra sobre um personagem é essencial para a estória, todas as características e atitudes levam o leitor ao cerne mesmo daquela representação humana: “A realidade do personagem de ficção se parece à minha em que não está feita, em que a tem de ir fazendo e se pode contar, e nisso consiste justamente seu drama ou seu romance”⁵ (MARÍAS, 1950, p. 32). O leitor segue com cuidado e curiosidade a narrativa porque percebe nela algo em comum com a própria vida.

E, como se tem afirmado no decorrer deste trabalho, também a perversidade é uma possibilidade da vida humana. Sendo assim, é possível encontrar na literatura alguns exemplos dessa possibilidade que costuma ser deixada de lado pelas pessoas. O exemplo buscado para este artigo é o do capitão Ahab, personagem do romance *Moby Dick*, de Herman Melville.

O romance *Moby Dick* está cheio de símbolos desde a primeira – e conhecida – frase em que o narrador se apresenta: “Podes me chamar de Ismael” (MELVILLE, 2012 p.15). Ismael, na Bíblia, era o filho de Abraão e Hagar, o filho preterido; o personagem de Melville vagava pelos mares como seu homônimo bíblico pelo deserto. O navio em que embarcou para caçar baleias – o Pequod – recebera o nome de uma tribo extinta da América do Norte. Os pilotos desse navio eram três, como três eram os arpoadores. São muitos os símbolos e sua análise não cabe aqui. Neste artigo tratar-se-á do capitão do Pequod, Ahab, o homem obcecado pelo cachalote branco.

Na narrativa de Melville o capitão Ahab já era um homem maduro que dedicara boa parte de sua vida ao trabalho de caçar baleias. Mas, além disso, era um homem misterioso. Numa viagem anterior perdera uma de suas pernas na luta contra um cachalote branco chamado *Moby Dick*; um cachalote impossível de ser caçado. No lugar da perna perdida mandara adaptar um osso de cachalote para que pudesse se apoiar. Talvez pode-se pensar que a obsessão de Ahab por matar *Moby Dick* nascera daí, desse conflito em que perdera sua perna. Mas o próprio narrador diz que a enlouquecida – e enlouquecedora – raiva de Ahab ia além do cachalote branco:

creados por el arte (que a su manera es creación; y perdonen Zola y sus secuaces) tienen una vida mucho más palpitante y densa que la mayor parte de los seres pálidos y borrosos que vemos por el mundo.”

⁵ Tradução livre de: “La realidad del personaje de ficción se parece a la mía en que no está hecha, en que la tiene que ir haciendo y se puede contar, y en eso consiste justamente su drama o su novela”

Então, havia pouca razão para duvidar que desde aquele encontro quase fatal Ahab cultivara um feroz sentimento de vingança contra a baleia e, cada vez mais dominado por essa frenética morbidez, acabou por culpá-la não só por sua desgraça corpórea como por todas as suas exasperações intelectuais e espirituais. A Baleia Branca nadava diante dele como a obsessiva encarnação de todos esses maliciosos agentes pelos quais alguns homens se sentem tragados até viverem apenas com meio coração e meio pulmão. [...] Para o enlouquecido, tudo o que mais agoniava e atormentava, tudo o que provocava o destino cruel das coisas, toda verdade maliciosa, tudo que arrebatava os músculos e congelava o cérebro, todos os sutis demonismos da vida e do pensamento e toda a maldade estavam personificados e podiam ser atacados em Moby Dick. Ele acumulara sobre a corcova branca da baleia a soma da raiva e do ódio da raça humana desde Adão, e como se o seu peito fosse um morteiro, lançava sobre ela todos os projéteis candentes do seu coração. (MELVILLE, 2012, p. 109).

Algumas vezes, como na citação acima, o autor deixa os símbolos mais claros. O ódio do capitão Ahab não começou com Moby Dick. Pode-se dizer que começou muito antes, “desde Adão”, como uma profunda revolta contra tudo o que existe, uma raiva de que as coisas sejam como são e o cego desejo de destruí-las. “É improvável que essa sua obsessão tenha nascido no momento em que sofreu a amputação. Atacando o monstro com a faca na mão, dera vazão a um ódio repentino [...]” (MELVILLE, 2012, p. 109). Moby Dick, para Ahab, era a personificação de tudo isso. Não é exagero pensar que ele ao menos intuía sua derrota; ele já fora vencido pelo cachalote branco antes e conhecia outros marinheiros que passaram pela mesma situação. Mas ele queria lutar. Queria lutar para expressar sua revolta contra tudo, queria lutar para se destruir: “[...] Ahab e sua angústia permaneceram juntos em uma rede, circundando o uivante e sombrio cabo patagônico em pleno inverno, seu corpo lacerado e sua alma ferida sangraram um sobre o outro e essa fusão o enlouqueceu” (MELVILLE, 2012, p. 109). Ahab padecia daquilo que os franceses chamavam *ennui*, algo muito mais profundo do que um simples desânimo.

A palavra *ennui* deriva do latim *in odium* de uma raiz que significa ao mesmo tempo ‘odiar’ e ‘desagradar’. O tédio modernista não é a exaustão que se segue aos excessos como em Byron; é um desgosto positivo, e finalmente um ódio da existência mesma. Para os modernistas o mundo não é um acidente, feito a ciência levou os homens do Iluminismo a acreditar e os homens do Romantismo ao desespero. O mundo é na verdade uma deliberada, maliciosa, e muito suja artimanha. Tudo o que é, é errado, e a única salvação é a destruição.⁶ (SENIOR, 2008, p. 50, grifos do autor).

⁶ Tradução livre de: “The word *ennui* derives from the Latin *in odium* from a root meaning at once ‘to hate’ and ‘to stink’. Modernistic boredom is not the exhaustion that follows upon excess like Byron’s; it is a positive disgust, and finally a hatred of existence itself. To Modernists the world is not an accident, as science led the men of the

Quando se diz que uma pessoa, feito o capitão Ahab, está cega por suas paixões, não se quer com isso dizer que sua vontade foi completamente tolhida e que ela já não pode fazer nada. Estar cego pelas paixões significa, na verdade, deixar que os sentimentos ruins cresçam de tal modo que a pessoa já não conseguirá prestar atenção em outras coisas. Ahab detestava a própria vida e tudo o que lhe acontecera. Mesmo casado e com um filho pequeno, a raiva o consumia intensamente. Quando Moby Dick apareceu, ela encarnou para ele esse espírito desordenado e cruel que parecia estar em todas as coisas. Por isso, o capitão estava obcecado com Moby Dick: finalmente toda aquela raiva acumulada poderia enfim ter vazão.

Na época, seu espírito obsessivo foi invadido pela ideia de que toda a angústia daquele tormento era consequência direta de seu infortúnio anterior, e ele também parecia ver claramente que, como o venenoso réptil do pântano perpetua sua espécie tão inevitavelmente quanto o mais doce pássaro canoro do bosque, e assim como acontece com a felicidade, todos os eventos miseráveis geram acontecimentos semelhantes. Não do mesmo modo, pensava Ahab, pois os antepassados e a posteridade do Sofrimento são em maior número que os antepassados e a posterioridade da Alegria. E para que não haja qualquer sugestão desse fato, certos ensinamentos canônicos nos induzem a pensar que algumas alegrias naturais não terão filhos nascidos para o outro mundo; ao contrário, serão seguidas pela alegria estéril do desespero do inferno; enquanto que algumas misérias mortalmente culpadas gerarão eternamente uma imensa prole de sofrimentos contínuos, no além-túmulo. (MELVILLE, 2012, p. 254-255).

O sofrimento traz consigo a noção de continuidade: a pessoa que sofre pensa sempre que não poderá aguentar *tudo aquilo* porque, numa intensa dor, todos os seus sofrimentos anteriores voltam aos seus pensamentos com uma força imensa. A dor então parece algo permanente, quase que ilimitada, como conclui Ahab. Assim, sem qualquer esperança e com a contínua sensação de ser uma vítima de forças estranhas, a pessoa que sofre se endurece sobre a própria dor e alimenta uma profunda revolta contra aquilo que ela não pode ver, mas que sente agredi-la de um modo inumano. Esse fechamento total, como explica Leonardo Castellani (1997, p. 92), indica que a pessoa:

[...] não pode abrir seu interior aos demais, e o que é mais curioso, nem sequer a si mesma: não pode examinar-se, não pode julgar-se, não pode olhar-se sequer, corre uma cortina de fumaça entre sua mente e seu coração. Em vez de pedir com o pobre

Enlightenment to believe and the men of the Romantic age to despair. The world is rather a deliberate, malicious, and very dirty trick. Everything that is, is wrong, and the only salvation is destruction.”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202305

14

Baudelaire: ‘Meu Deus, dá-me a força e a coragem de olhar meu coração sem asco’, ela pede o contrário. E o mais notável é que às vezes fala muitíssimo, essa cortina de fumaça é uma cortina de conversa intranscendente e falsa. Mas revelar-se a si mesma não pode, seu interior é treva.⁷

A brancura de Moby Dick tomou conta por completo da visão de Ahab. E esta também é uma imagem simbólica do estado de espírito do personagem. Ele precisou matar dentro de si todos os sentimentos que não correspondessem ao ódio pelo cachalote branco: era preciso matar a ternura, o amor, a alegria e o agradecimento. Porque, se tudo era tão ruim, como esses outros sentimentos poderiam ser verdadeiros? Não seriam também eles meros enganos para que Ahab desistisse de sua revolta e se rendesse? Em sua obsessão raivosa – e, portanto, tediosa, no sentido do termo que já se viu acima – Ahab também se destruía. Ele caiu no último estágio da acídia.

Por outro lado, *acídia* significa que o homem não ‘co-labora’ ou não trabalha junto para a realização de si mesmo; que ele se recusa a adicionar sua contribuição consciente ao seu próprio ser, à sua verdadeira existência humana. Não é uma questão de atividade externa, mas da total realização do ser, para a qual nós sabemos que estamos silenciosos mas inequivocamente convocados. Pelo pecado da preguiça, o homem se fecha ante o desafio lançado a ele pela própria dignidade.⁸ (PIEPER, 1989, p. 23).

No entanto, mesmo que o ser humano esteja profundamente corrompido e entristecido por seus sentimentos ruins, ainda permanece um lampejo como a indicar que esses sentimentos o levarão à destruição. Com o capitão Ahab não foi diferente:

O que é essa coisa inominável, inescrutável, misteriosa? Que imperador sedutor, oculto, dominador, cruel e desumano me sujeita? Contra todos os sentimentos naturais de amor e saudade, o que me empurra, comprime, pressiona todo o tempo, obriga-me imprudentemente a fazer algo que em meu coração não me atrevo a ousar? É Ahab? Ahab? Sou eu, Deus, ou é outro ser que levanta este braço? Se o grande sol não se move por si mesmo e é um astro errante no céu, se nenhuma estrela pode girar por si

⁷ Tradução livre de: “[...] no puede abrir su interior a los demás, y lo que es más curioso, ni siquiera a sí mismo: no puede examinarse, no puede juzgarse, no puede mirarse siquiera, corre una cortina de humo entre su mente y su corazón. En vez de pedir con el pobre Baudelaire: “Dios mío, dame la fuerza y el coraje de mirar a mi corazón sin asco”, él pide todo lo contrario. Y lo más notable es que a veces habla muchísimo, esa cortina de humo es una cortina de charla intranscendente y falsa. Pero revelarse a sí mismo no puede, su interior es tiniebla.”

⁸ Tradução livre de: “Rather, *acedia* means that man does not ‘co-laborate’ or work together with the realization of himself; that he refuses to add his conscious contribution to his very own, truly human existence. It is not at all a question of external activity but of the full realization of the self, to which we know we are silently but unmistakably summoned. Through the sloth that is sin, man barricades himself against the challenge handed to him by his own dignity.”

mesma e só se movimenta por algum poder invisível, como pode este pequeno coração bater, este pequeno cérebro produzir pensamentos a menos que Deus o faça bater, permita-lhe pensar e me faça viver? Pelos céus, homem, andamos de lá para cá neste mundo como aquele cabrestante, e o destino é a alavanca que nos movimenta. (MELVILLE, 2012, p. 295).

O Ahab que fez essas reflexões não parecia ser o mesmo que “batizou” um arpão com o sangue de três arpoadores pagãos (outro símbolo). Sem embargo, era o mesmo homem. Essas reflexões foram narradas no capítulo que antecedeu a caça a Moby Dick. O narrador conta que era um dia tranquilo, agradável e verdadeiramente encantador de ser contemplado. Estavam no convés, a conversar, o capitão Ahab e Starbuck, um dos três pilotos do Pequod. Nesse capítulo, o enraivecido capitão Ahab parecia bem mais humano:

Contempla, Starbuck! Não é cruel que com a carga pesada que suporto uma pobre perna tenha sido arrancada de meu corpo? Por favor, afasta meu cabelo para o lado. Ele me cega de tal maneira que pareço chorar. Cabelos tão grisalhos que parecem ter crescido no meio das cinzas! Mas pareço tão velho, tão velho, Starbuck? Sinto-me mortalmente cansado, arqueado, corcunda, como se fosse Adão, vacilante sob os séculos que se passaram desde o Paraíso. Deus! Deus! – Meu coração se parte! Meu cérebro se despedaça! Zombaria, zombaria! Zombaria amarga e ferina dos cabelos brancos! Não tive alegrias suficientes para tê-los e parecer tão intoleravelmente velho. Aproxima-te! Fica ao meu lado, Starbuck. Permite-me fitar olhos humanos. É melhor que fitar o mar ou o céu. Melhor que fitar o próprio Deus. Pela terra verdejante, pela brilhante lareira de pedra! Este é um espelho mágico, homem. Vejo minha mulher e meu filho em teus olhos. Não! Fica a bordo! Não desce quando eu descer, não desce quando o estigmatizado Ahab for caçar Moby Dick. Esse risco não será teu! Não! Não com o lar distante que contemplo em teus olhos! (MELVILLE, 2012, p. 294).

A fúria do capitão contra Moby Dick seduzira toda a tripulação. Os demais marinheiros, mesmo com medo da morte, foram contagiados por Ahab. Exceto Starbuck. Ele foi o único que, mesmo passivamente, tentou esboçar uma reação àquela loucura; e justamente com ele Ahab se expandiu e se mostrou mais humano. Starbuck estendeu sua mão ao capitão, ao bom homem que ainda lutava por sobreviver e rever a mulher e o filho pequeno em meio a toda a tempestade de raiva. Starbuck quis mostrar a Ahab que outra vida ainda era possível, que ele ainda poderia evitar o derradeiro passo. Mas Ahab se recusou. Ele não tolerava a vida porque não podia tolerar nem a si mesmo; também se lhe podem aplicar as palavras do Satã de John Milton (2008, p. 86): “Para onde fujo é inferno; eu mesmo sou o inferno [...]”⁹.

⁹ Tradução livre de: “Which way I fly is hell; myself am hell [...]”.

Por maior que seja a sua condição de miséria humana, a pessoa ainda tem uma possibilidade de se recuperar. E, quanto mais fundo ela tiver caído, maior será o esforço que precisará fazer para se levantar; assim a conquista da virtude será uma verdadeira luta. Ahab, mesmo sendo chamado de louco, não perdera a razão por completo. Esse personagem é uma possibilidade humana; mas também Starbuck o é. A conversão e a perversidade são possíveis dentro da vida humana.

CONCLUSÃO

Diante das considerações apresentadas, é possível uma leitura do romance Moby Dick em que transparece a ideia de uma despersonalização diabólica do homem, sendo que este se opõe ao ser e a tudo que o circunda. Dito de outro modo, o homem – assim como o cristianismo pensa a respeito do demônio –, nutrindo um sentimento tal de aversão ao bem, e não podendo atingir seu criador, decide, portanto, atingir a criação. Ainda de um outro modo, almeja destruir tudo que se constitui como ser e que é bom.

Porém, essa despersonalização, de algum modo nunca toma o homem por inteiro. Sendo constituído bom em sua essência, não pode mudar-se em uma outra substância, mas somente em um outro estado. O comportamento acima descrito por parte do capitão Ahab torna possível essa ideia. Por outro lado, pervertendo-se nesse estado, o pensamento humano torna-se como que corrompido e, ao mesmo tempo, inclinado ao mal e à destruição daquilo que o cerca.

Assim, pode-se entender que o capitão Ahab passa a encarar em Moby Dick um ponto referencial, pretende causar-lhe o que deseja causar a tudo o mais ao seu redor, isso é, à natureza. Dito de outro modo, a baleia passa a ser, na visão do capitão Ahab, a personificação do bem. Sendo ele a constituição do mal – ou melhor –, do sujeito que se torna mal, isso é, o *adversário*, o que se ocasiona é a aversão por parte de Ahab em relação à baleia. Portanto, uma leitura da obra *Moby Dick*, em que aparece a ideia do “*Diabo*” personificado no homem que, a ele se assemelha por seu comportamento inclinado ao não ser e à aversão ao ser, parece ser viável.

REFERÊNCIAS

REVELLI, Vol. 15. 2023.
ISSN 1984-6576.
E-202305

- A BÍBLIA: Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2015.
- BÍBLIA TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BROUARD, M. (org.). **Enciclopédia da eucaristia**. Tradução de Beônio Lemos. São Paulo: Paulus, 2006.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- CASTELLANI, L. **Psicología Humana**. 2ª ed. Mendoza: Jauja, 1997.
- CASTRO, I. I. O. Da fala à ação: uma abordagem acerca da teoria pragmática. *In teorias linguísticas: rápidos olhares*. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.
- COSTA, J. C. Na trilha teórica da análise do discurso: uma ida para além de encadeamentos linguísticos. *In teorias linguísticas: rápidos olhares*. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.
- GELÁSIO, P. Decretum gelasianum. *In Denzinger, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013.
- INOCÊNCIO, P. Consulenti tibi. *In Denzinger, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013.
- MAGNO, P. L. Quam laudabiliter. *In Denzinger, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013.
- MANZOTTI, R. **Batalha espiritual: entre anjos e demônios**. 3 ed. Rio de Janeiro: Petra, 2017.
- MARÍAS, J. **Miguel de Unamuno**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1950.
- _____. **Persona**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- MELVILLE, H. **Moby Dick ou A Baleia**. Tradução e notas de Vera Silvia Camargo Guarnieri. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- MENÉNDEZ-PELAYO, M. **Estudios de Crítica Literaria**. Madrid: Tipografía de la Revista de Archivos, 1908.
- MILTON, J. **Paradise Lost**. Nova York: Oxford University Press, 2008.
- MORALDI, L. **Evangelhos apócrifos**. Tradução de Beônio Lemos e Patrizia Collina Bastianetto. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- SANTOS, I. **A analítica: uma teoria filosófica da linguagem**. *In teorias linguísticas: rápidos olhares*. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.

SENIOR, J. **The Death of Christian Culture**. Norfolk: HIS Press, 2008.

PIEPER, J. **Josef Pieper: An Anthology**. San Francisco: Ignatius Press, 1989.